

## **O CONCEITO DE NATALIDADE E LIBERDADE NO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT<sup>1</sup>**

**Jenerton Arlan Schütz<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa realizado no curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí

<sup>2</sup> Bolsista Taxa PROSUP/CAPES, aluno do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI.

### **1 INTRODUÇÃO**

Mediante a constante busca de conhecimento, é necessário estar constantemente envolvido com a pesquisa, ser criativo, ser humano e contagiar o aluno no momento da aprendizagem, entretanto, é necessário pensar o presente, e nele, pensar a educação, ou seja, pensar na possibilidade de um mundo diferente, pois, o mundo que habitamos não é da forma que desejamos.

Passamos por momentos onde assistimos o desmantelamento do espaço que nos é comum, um mundo que se preocupa com necessidades vitais, reais ou ainda inventadas, necessidades estas que estão se sobrepondo enquanto assistimos a perda da capacidade de cuidarmos do comum.

Necessitamos assim desvelar os compromissos com a renovação de um mundo comum e preservar a liberdade que é a capacidade de iniciar algo novo e principalmente imprevisível.

Ademais, é neste momento em que os termos natalidade e liberdade assumem enorme importância, pois é a partir destes que podemos apontar perspectivas para uma ação educativa que assuma um compromisso com o mundo comum. Mas, é possível que a educação contribua para que a liberdade possa de fato ser realizada? Devemos acreditar no dom da liberdade? Apostar nos seres humanos e em sua capacidade de fazer algo novo ou inesperado pode ser arriscado?

O exercício da liberdade diz respeito à ação, ou seja, estabelecer relações com outros, participar de assuntos comuns, se inserir no espaço comum com atos e palavras, é desta maneira que consideramos um cidadão livre. A natalidade funciona como uma mola que impulsiona a pessoa ao processo da ação, é ela quem impele à ação livre, o fato de sermos recém-chegados, nascidos, tomamos iniciativas, levados a agir.

Aquele que pensa a educação deve cuidar para não apagar as luzes que podem trazer experiências inesperadas, em alguma escola, sala de aula, pois necessitamos cuidar de um mundo que não dispensa as pessoas, mas depende delas, e acolher as crianças e os jovens que vêm a fazer parte dele.

Ademais, o objetivo central do trabalho é investigar o vínculo entre a natalidade e a liberdade, para que possamos compreender o compromisso com o mundo comum e o “pensarmos a educação”, e assim proporcionar a ação educativa.

### **2 METODOLOGIA**

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

A Metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica com o método da análise-crítica. Para obter o resultado pretendido pelo estudo, este método irá decompor e estudar as formas dos elementos ligados ao tema como, natalidade, liberdade e educação, estudar a relação dos conceitos e seus reflexos para os sistemas educacionais contemporâneos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente é fundamental compreender o termo “mundo”, a partir da reflexão de Arendt, o termo não se refere ao planeta que habitamos, nem ao ciclo vital, ou seja, o movimento inacabável de reprodução dos seres e renovação da vida.

Ao contrário, ela se refere aos produtos que resultam das obras humanas, como: objetos, linguagens, ferramentas, instituições e tudo aquilo que está preservado da ruína do ciclo vital, que continuamente tudo consome. O termo se refere sempre a um legado material e simbólico (Trabalho), um vínculo não somente com os objetos mas também com aqueles que compartilhamos esses objetos, daí seu caráter de “mundo comum”.

É de suma importância ressaltar que o “mundo comum” não é um local em que nos relacionamos apenas com o presente, mas ele também é um vínculo que se estende no tempo. “[...] o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós” (ARENDDT, 2010, p.67).

Nesta perspectiva,

Conhecer o mundo não significa simplesmente ter acesso a informações sobre ele. Para isso, hoje não precisamos da escola. O papel do educador é, muito mais, o de mediador entre o mundo e os jovens. Isso vai além de um “abrir portas”, que poderia ser feito pelo professor de modo mecânico e até indiferente (ALMEIDA, 2011, p. 39).

Portanto, não devemos desvincular a educação de seu compromisso com o “mundo comum”, entretanto, a crise na educação se tornou “um problema político de primeira grandeza” (ARENDDT, 1990, p. 221), e que parece ser uma função para o processo vital, deixando assim de ser o ponto de mediação entre o mundo e os novos que nele recebemos.

A educação parece estar aflagida por um passado que não sabe conviver, mas que tem a difícil tarefa de introduzir os novos no mundo, que, apesar de constatar o impasse, faz-se necessário perguntar, a partir de dada situação, como devemos receber os jovens e introduzi-los neste lugar? Quais são as contribuições do conceito de natalidade para instaurar e preservar o mundo comum? De que modo a educação pode contribuir para a liberdade? Qual é o papel do professor, enquanto assistimos o desmantelamento do mundo?

Buscamos assim a concepção de natalidade anunciada por Arendt no início de seu ensaio “A crise na Educação”, publicado inicialmente em 1958 e posteriormente, em 1961, incluído entre os ensaios de Entre o passado e o futuro. A crise na educação, tal como a concebe Arendt, está intimamente ligada à crise mais geral da modernidade: à ruptura do fio da tradição, à inviabilidade de o passado iluminar o presente, de as gerações passadas apresentarem o mundo como um legado.

A natalidade não corresponde ao nascimento, que é de fato a condição inaugural da natalidade. O nascimento corresponde a um acontecimento, ou seja, momento em que somos recebidos na

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Terra, enquanto a natalidade é a possibilidade/capacidade que temos de constantemente nos atualizarmos, de fazermos o novo, que acontece por intermédio da ação.

Mas para a autora esta crise não dificulta sua constatação sobre a essência da educação que, “é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo” (ARENDDT, 1990, p.223), é ela o ponto onde a educação e a liberdade se encontram. Assim, a natalidade é a esperança que alimenta o mundo humano.

A educação, por sua vez, diz respeito a "nossa atitude face ao fato da natalidade: o fato de todos nós virmos ao mundo ao nascermos e de ser o mundo constantemente renovado mediante o nascimento" (ARENDDT, 1990, p. 247).

Ainda em sua obra, *Origens do totalitarismo*, Arendt (1989, p.531) remete que, [...] todo fim da história constitui necessariamente um novo começo: esse começo é a promessa, a única mensagem que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. *Initium ut esset homo creatus est* – o homem foi criado para que houvesse um começo, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é na verdade, cada um de nós.

Recentemente Jürgen Habermas caracterizou esse tema e as considerações arendtianas sobre a natalidade em seu livro *O futuro da natureza humana*, no qual faz reflexões sobre as implicações da manipulação genética em seres humanos. Para Habermas (2004), Arendt permanece atenta ao fato de que, com cada novo nascimento “começa não apenas uma outra história de vida, mas principalmente uma nova”.

Arendt, que em 1950, já apontava para o impasse na educação, verifica que, estamos diante de uma questão fundamental: ou desistimos do mundo e das crianças, ou resolvemos apostar no mundo e cuidar dos novos.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gosto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças, o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, 1990, p.247).

Entretanto, cabe ao educador,

[...] no desenvolvimento da práxis educativa escolar, assumir a postura pedagógica comprometida com a construção do sujeito que interage com o meio onde vive e que, interagindo conscientemente, possa então, esse sujeito, transformar o próprio meio imediato, o mundo, sua própria história (SANTA CATARINA, 1998, p.114).

A realização da liberdade especificamente humana não depende apenas da iniciativa de cada um, mas também de um espaço em que possa aparecer, é fundamental que seja dada ênfase ao amor pelo mundo e às crianças, pois a responsabilidade dos professores é muito maior que ensinar qualquer técnica ou conhecimento, mas sim contagiar as crianças com o amor pelo mundo, sem o qual o mundo estará perdido.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Segundo Freire (1983, p.93-94), “não é possível a pronúncia do mundo, que é ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. [...] Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.”

Se temos que assumir a responsabilidade dos novos, temos que apostar também no surgimento de novos, recebemos as pessoas que nascem com um potencial de liberdade, e precisamos fazer com que esta possa se ratificar em ação.

Conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina (2005, p.108), [...] o jovem pode e deve ser formado como um(a) agente de transformação social, que vive como qualquer ser humano os dilemas existenciais, filosóficos, sociais, políticos e culturais de uma época, acumulando o peso da transição entre a infância e a vida adulta. Respeitá-lo (a) é reconhecer sua capacidade cada vez mais precoce de agir, participar e interferir com autonomia no espaço público.

Não podemos educar para a liberdade, podemos apenas contribuir para que eles possam desenvolver de fato essa liberdade. Educar exige coragem, já que o futuro nos é imprevisível, precisamos confiar, mesmo sem ter garantias, que um novo início, um novo recém-chegado possa ser capaz de fazer absolutamente inesperado, o milagre.

Deste modo, a fonte suprema que garante o homem de iniciar algo novo, de “fazer um milagre” ou ainda capaz de salvar o mundo está no fato da natalidade.

Todo ato, considerado, não da perspectiva do agente, mas do processo em cujo quadro de referência ele ocorre e cujo automatismo interrompe, é um "milagre" - isto é, algo que não poderia ser esperado. Se é verdade que ação e começo são essencialmente idênticos, segue-se que uma capacidade de realizar milagres deve ser incluída também na gama das faculdades humanas (ARENDDT, 1990, p. 218).

Para isso, no entanto, é fundamental, de acordo com Arendt (apud, SONTHEIMER, 1999, p.9) acreditar “ser evidente que o homem é dotado, de uma maneira altamente maravilhosa e misteriosa, do dom de fazer milagre”.

Ademais, a educação, além de introduzir seus alunos no mundo, aposta também na singularidade de cada um deles, na qual reside a potencial liberdade de um novo início.

Arendt concebe a liberdade antes de tudo como a capacidade de transformar o mundo e não como a possibilidade de realizar escolhas individuais ou empreendimentos privados. A liberdade pode de fato aparecer em atos e palavras - singulares, mas preocupados com o mundo - e então os homens podem criar sua realidade.

Conforme José Sérgio F. Carvalho , O acolhimento dos novos no mundo pressupõe, pois, um duplo e paradoxal compromisso do professor. Por um lado, cabe-lhe zelar pela durabilidade do mundo de heranças simbólicas no qual ele inicia e acolhe seus alunos. Por outro, cabe-lhe cuidar para que os novos possam se inteirar, integrar, fruir e, sobretudo, renovar essa herança pública que lhes pertence por direito, mas cujo acesso só lhe é possível por meio da educação.

Uma das conclusões que Arendt faz em seu ensaio, é que, [...] a função da escola é ensinar às crianças o mundo como ele é, e não instruí-las na arte de viver. Dado que o mundo é velho, sempre mais que elas mesmas, a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente (ARENDDT, 1990, p.246).

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Mas é fundamental estabelecer que, a potencial liberdade dos novos, não deve de modo nenhum ser interpretada como fato para dispensar a educação.

Portanto, Hannah Arendt assume justamente que o mundo só se torna um lugar habitável e a convivência suportável e desejável se assumirmos por amor ou gratidão a responsabilidade por ele e se por amizade e respeito interagirmos com nossos pares.

Afinal, o rumo que o mundo toma, só pode ser determinado ou ainda previsto, quando em todas as partes do planeta e principalmente os recém-chegados forem absolutamente “privados de sua espontaneidade e de seu direito a começar algo novo” (ARENDR, 1999, p.58).

Hannah Arendt não perdeu a esperança. A confiança de que o homem é capaz de instaurar uma ordem diferente na qual vive, acredita no agir, na liberdade de iniciar um novo começo.

#### 4 CONCLUSÕES

Defino os conceitos inovadores que Hannah Arendt apresenta à natalidade e liberdade como elementos centrais da política. É possível identificar que, o milagre humano que ocorre na esfera política é a esperança para o mundo, como algo inovador que rompe com uma velha estrutura.

No momento em que trilhamos nesse trabalho o caminho de versar sobre um tema importante da obra de Hannah Arendt e, em boa medida, da tradição do pensamento político ocidental, percebemos que não há dúvidas no que se refere à importância da contribuição desse tema para o debate em torno da Educação a ser realizado em nossos dias.

#### 5 PALAVRAS - CHAVE

Educação; Política; Mundo Comum.

#### 6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vanessa Sievers de. Educação em Hannah Arendt. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARENDR, H. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. Revisão e apresentação de Adriano Correia. 11.ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. Entre passado e futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- \_\_\_\_\_. O que é política? Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. Origens do totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. 3 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. A crise na educação como crise da modernidade. Educação. Hannah Arendt pensa a educação. São Paulo, n. 4, p. 16-25.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983
- HABERMAS, J. O futuro da natureza humana. Tradução Karina Janini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos. Florianópolis: IOESC, 2005.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

\_\_\_\_\_. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Temas multidisciplinares. Florianópolis: COGEN, 1998.  
SONTHEIMER, Kurt. Prefácio. In: ARENDT, Hannah. O que é política? – Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.